

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Desde sua primeira exibição mundial, no dia 15 de maio, nas telas do Festival de Cannes, tendo os irmãos Agustín e Pedro Almodóvar entre seus produtores, “Sirât” ganhou o status de “filme obrigatório” por apostar num casamento (raro) de transcendência espiritual e experimentação formal ao falar de perdas e reconfigurações. Tratado como um dos favoritos à Palma de Ouro de 2025 desde sua projeção inicial, deixou a Croisette com o Prêmio do Júri, dado a seu diretor, o galego nascido em Paris Oliver Laxe, num empate com o filme alemão “Sound of Falling”, de Mascha Schilinski.

Cerca de uma semana após o fim da maratona cinéfila da Côte d’Azur, sites e revistas estrangeiras seguem a incensar sua dramaturgia de tons existencialistas, enquadrando-a como um dos longas-metragens mais possantes do ano. Uma enquete organizada pelo jornalista Christian Blauvelt para a “IndieWire”, com 48 críticos estrangeiros, elegeu-o como “O” melhor de Cannes, incluindo “O Agente Secreto”, de Kleber Mendonça Filho, em quinto lugar em seu pódio.

Laxe também foi citado na votação de Melhor Roteiro. Ninguém ignorou “Un Simple Accident”, que rendeu a Palma ao iraniano Jafar Panahi, respeitado pela imprensa com unanimidade, por sua obra, por sua vivência da brutalidade institucional de sua pátria e pela poesia em seu modo de narrar. Ele entrou na lista montada por Blauvelt, mas ficou atrás de Laxe, que renovou seu prestígio e a atual fase de excelência da Espanha na telona.

Depois de ter interrompido seu ciclo de longas no Marrocos (“Mimosas”; “Todos Vós Sodes Capitães”) para filmar “O Que Arde” (Prêmio do Júri na mostra Un Certain Regard de 2019) na sua Galícia natal, Laxe retornou aos desertos do norte da África para um périplo que começa numa micareta de música eletrônica e passa por um chão de minas explosivas, numa triagem de violências históricas. Insiste, contudo, que sua mirada não é de desesperança, mas, sim, de aliança. “Parece que temos um horizonte duro, mas ele, no fundo, é protetor, o que exclui a solidão, sempre estamos acompanhados. O filme mostra que quando o indivíduo se fratura ele se instaura num lugar do coletivo”, disse o realizador ao Correio da Manhã em Cannes.

Capaz de ser radical e melífluo ao mesmo tempo, numa realização ousada, “Sirât” é batizado em referência a um percurso de fé: “Esse nome se refere ao caminho que liga o Inferno ao Céu, como se fosse um espaço de transfor-



Luis (Sergi Lopez, de camisa azul, à direita) vive um pai em busca da filha em ‘Sirât’, de Oliver Laxe

Rave da excelência

Rodrigo Fonseca



Ganhador do Prêmio do Júri de Cannes, ‘Sirât’ dispara em enquetes sobre o melhor do festival deste ano e consagra o diretor Oliver Laxe no atual cenário de produção da Espanha

mação”, disse Laxe na coletiva de Cannes.

Tudo começa com uma rave no Marrocos, num espaço desértico de rocha e areia. Amalgamada à fotografia de Mauro Herce, a engenharia de som consegue transportar o público para aquela paisagem numa fricção sinestésica.

que se desmaterializa ao passar do bate-estacas da música techno a uma instância quase celestial de esoterismo”.

Na trama de “Sirât”, um pai (Sergi López) e o filho chegam a uma rave perdida nas montanhas do sul do Marrocos. Eles estão à procura de Mar – filha e irmã – que está desaparecida há vários meses numa dessas festas intermináveis. Imersos na melodia bate-estaca e numa liberdade crua que lhes é estranha, eles distribuem incansavelmente a foto dela à espera que alguém a reconheça. A esperança vai-se esvaindo, mas eles perseveram e seguem um grupo de ravers para uma última festa nas montanhas. À medida que se aprofundam na imensidão escaldante, a jornada leva-os a confrontar os próprios limites.

“Falam comigo sobre ‘Mad Max’, por conta do terreno arenoso, mas minha referência gravitou mais pelo filme ‘Stalker’, pela obra de Robert Bresson e pelo cinema americano dos anos 1970”, disse Laxe.

Na próxima segunda, “Sirât” será exibido no Festival de Sydney, na Austrália. Estima-se que ele chegue ao Brasil em outubro.

“Amo a cultura rave e queria partir dela para cruzar o limite do que é humano ao seguir uma figura que confronta com o abismo. Tenho uma equipe fiel, que é uma família, que está sempre comigo na construção dos meus filmes. Eles são, sim, complicados de fazer”, confessou Laxe ao Correio. “É um filme